

De Cabeça para Baixo?

José Roberto R Afonso *

Quando eu era criança, acreditava que na China se vivia de cabeça para baixo. Lembrei-me disso no fim do mês passado, graças a um seminário, em Pequim, sobre gerenciamento da dívida pública de governos estaduais e municipais. Depois da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e várias reformas das finanças públicas, a experiência brasileira se tornou uma referência de sucesso entre as economias emergentes. China e Brasil têm muitas semelhanças: dimensão continental, profundas diferenças entre regiões, organização federativa, são populosos, têm muita pobreza e necessidade louca de crescer. E param por aí as semelhanças.

O Brasil tem hoje uma disciplina fiscal de alto padrão (atributo cada vez mais raro entre as economias mais ricas) e sabe exatamente quanto deve. A carga tributária é muito alta, e todas as despesas são computadas no Orçamento. O superávit primário é altíssimo e crescente.

A China nunca deu muita bola para a disciplina fiscal. O governo central não sabe ao certo quanto os outros governos devem. A arrecadação tributária é baixa. Boa parte dos recursos públicos não é escriturada no orçamento. Investimentos são financiados por créditos, muitas vezes sacados nos bancos

* Economista. E-mai: ze.afonso@terra.com.br

dos próprios governos locais. Há déficit primário, mas de valor exato desconhecido.

Qual dos dois países tem melhor avaliação de risco? Não é o primeiro. Sem querer simplificar um tema complexo, eis na China uma boa prova da falácia que há tempos domina a política econômica no Brasil: acreditar que o déficit fiscal é o grande cavalo de batalha. Como é possível que um país tão distante do primor fiscal possa ter *rating* semelhante ao dos países mais ricos do mundo? Isso acontece, entre outros fatores, porque a China tem reservas internacionais na casa de várias centenas de bilhões de dólares. Que crescem a cada dia.

Enquanto isso, as autoridades econômicas brasileiras perdem a oportunidade oferecida pela bonança internacional para igualmente acumular grandes reservas. Pior: trabalham para que o ICMS, ainda que indiretamente, volte a ser cobrado dos exportadores. Como se já não tivessem de enfrentar da febre aftosa aos efeitos do dólar baixo. É impressionante o esforço que o governo faz para prejudicar o único resultado da economia brasileira verdadeiramente bom.

Outra explicação para tanta diferença entre o risco Brasil e o chinês é assustadora e consta dos manuais dos avaliadores internacionais - a estabilidade política. Por princípio, qualquer ditadura será sempre mais bem classificada, pois assegura uma continuidade do grupo no poder, o que nenhuma eleição garante. Não defendo o curioso regime dos outros, hoje com mais vermelho nos letreiros de *fast-food* do que nas bandeiras. O que assusta é que no Brasil persista a tacanha visão de que a economia não pode ser subvertida pela política, quando em qualquer parte do mundo civilizado acontece o inverso.

Em contraponto ao dito Consenso de Washignton, agora falam do Conselho de Pequim. O grande consenso que lá vi é que, primeiro, o país não deve se prender a qualquer paradigma, e cada um deve buscar a sua melhor mescla de instrumentos e política econômica. Parece que não se importam muito com o meio, desde que assegurem o resultado - produzir cada vez mais, crescer cada vez mais. Cada nação precisa formular e perseguir sua nação. Cada caso é um caso.

Por ora, o nosso é um caso perdido. É incrível, mas existe, sim, um país literalmente de cabeça para baixo. Por quanto tempo?